

ESCOLA SECUNDÁRIA ABADE DE BAÇAL

TRABALHO DE HISTÓRIA-3º PERÍODO

GUERRAS COLONIAIS PORTUGUESAS

TRABALHO ELABORADO POR:

SOFIA JOÃO DE SOUSA MONTANHA, 9ºB (2006-2007)

Índice

- Introdução
- Angola
- Guiné-Bissau
- Moçambique
- O tempo que os meus avós viveram nas guerras
- Bibliografia

Introdução

- Designa-se por Guerra Colonial, ou Guerra do Ultramar, o período de confrontos entre as Forças Armadas Portuguesas e as forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas províncias ultramarinas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, entre 1961 e 1974.
- Ao longo do seu desenvolvimento foi necessário aumentar progressivamente a mobilização das forças portuguesas de forma proporcional ao alargamento das frentes de combate que, no início da década de 1970, atingiria o seu limite crítico. Pela parte portuguesa, a guerra sustentava-se pelo princípio político da defesa daquilo que considerava território nacional, baseando-se ideologicamente num conceito de nação pluricontinental e multiracial. Por outro lado, os movimentos de libertação justificavam-se com base no princípio intransferível de autodeterminação e independência, num quadro internacional de apoio e incentivo à luta.

Angola

- Em Angola, a revolta foi efectuada pela União das Populações de Angola (UPA) — que passou a designar-se como Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) em 1962. A 4 de Fevereiro de 1961, o Movimento Popular de Libertação de Angola reivindicou o ataque à cadeia de Luanda, onde foram mortos sete polícias. A 15 de Março de 1961, a UPA, num ataque tribal, deu origem a um massacre de populações brancas e trabalhadores negros naturais de outras regiões de Angola. Esta região seria reocupada mediante operações militares de grande envergadura que, porém, não conseguiram conter o alastramento das acções de guerrilha a outras regiões de Angola, como Cabinda, o Leste, o Sudeste e planalto central. Ao MPLA, que desempenhou um papel fundamental, há a acrescentar, a partir de 1966, a acção da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).
- Com motivações essencialmente tribais caracterizaram-se pela guerrilha rural, realizada por pequenos grupos armados, e pelo massacre de populações, como já se previa na sua

primeira acção. Com catanas e algumas espingardas, procuravam apoderar-se das armas das fazendas e postos administrativos atacados. Não manifestaram interesse em consolidar o domínio territorial, conseguido nos primeiros dias, nem foi apresentado qualquer programa político.

- Em Angola, os efectivos militares contavam, no início de 1961, com 5000 militares africanos e 1500 metropolitanos, organizados em dois regimentos de infantaria — um em Luanda e outro em Nova Lisboa — cada um com dois batalhões de instrução e outro de atiradores) e um grupo de cavalaria, com sede em Silva Porto. A densidade média era, portanto, de um soldado para cada 30 km². Imediatamente disponíveis para acorrer à zona afectada estavam apenas mil soldados europeus e 1200 africanos.

Guiné-Bissau

- Na Guiné, os confrontos foram iniciados, em Janeiro de 1963, pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), sob a forma de guerrilha, com um ataque ao quartel de Tite, a Sul de Bissau, junto ao rio Corubal, embora haja registo de acções anteriores. Este movimento rapidamente se estendeu a quase todo o território, crescendo continuamente de intensidade, e exigindo um empenho proporcional por parte dos portugueses.
- Em 1965 dá-se o alastramento da guerra ao Leste. Nesse mesmo ano, o PAIGC realizou missões no Norte, na região de São Domingos, onde, até ao momento, apenas actuava a FLING, que se via a braços na luta, depois da OUA ter canalizado o seu apoio para o PAIGC. Este, em sequência da sua crescente afirmação internacional, viria a receber apoio militar cubano, que duraria até ao final da guerra.
- Pode-se dizer que as forças portuguesas desempenharam, na Guiné, uma força defensiva, mais de manuto das posições que propriamente de conquista das populações, limitando-se, de uma forma geral, a conter as acções do PAIGC. Por isso, esta época inflingiu um grande desgaste para os portugueses, constantemente surpreendidos pelos guerrilheiros e pela influência destes junto da população que, entretanto, era recrutada para o movimento.

- Com as decisões de António de Spínola, as forças portuguesas ganhavam um carácter mais ofensivo. Entre 1968 e 1972, sob o comando deste general, conseguiriam manter a situação sob controlo e, por vezes, levar a cabo acções de confirmação das posições estratégicas. Mais: agora lutava-se subversivamente, utilizando a manipulação propagandística que iria afectar os níveis mais altos da hierarquia do PAIGC. Porém, a situação pendeu rapidamente para o lado do PAIGC que, não obstante o assassinio de Amílcar Cabral, não diminuiu a actividade operacional.
- Em Março, o aparecimento dos mísseis anti-aéreos obrigaria as tropas portuguesas a reavaliarem o esforço de guerra. Durante algum tempo, o suporte aéreo ficou, assim, indisponível, o que teve graves repercussões nas tropas, mesmo a nível psicológico.
- Marcelo Caetano, em conflito com Spínola, dispensou o general do cargo de governador, que seria ocupado por Bettencourt Rodrigues a 21 de Setembro de 1973. Três dias depois, o PAIGC declarava a independência do novo estado, em Madina do Boé. Curiosamente, nem Spínola nem Bettencourt estavam no terreno durante esta ocorrência.

Moçambique

- Em Moçambique, o movimento de libertação, denominado Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), efectuou a sua primeira acção nos dias 24 e 25 de Setembro de 1964, num ataque a Chai, na província de Cabo Delgado, estendendo-se posteriormente ao Niassa, Tete e para o centro do território. Porém, um relatório do Batalhão de Caçadores 558 refere acções violentas a 21 de Agosto de 1964, na região de Cabo Delgado, como indica o relatório do Batalhão de Caçadores 558. O mesmo relatório refere que, três dias depois, um padre da Missão de Nangololo tinha sido ferido mortalmente. Estas acções foram atribuídas a grupos de guerrilheiros MANU e da UDENAMO.
- A 16 de Novembro do mesmo ano, as tropas portuguesas sofriam as primeiras baixas no Norte de Moçambique, região de Xilama. A organização e armamento dos guerrilheiros evoluía rapidamente. Também o acidentado terreno, a baixa densidade das forças portuguesas e a fraca presença de

colonos facilitaram a acção da Frelimo, que alargava a sua acção para Sul, na direcção de Meponda e Mandimba, mostrando intenção de ligar-se a Tete, atravessando o Malawi, que apoiou, nos primeiros anos, o trânsito e refúgio de guerrilheiros.

- Até 1967, a FRELIMO mostrou-se menos interessada pela região de Tete, exercendo o seu esforço nos dois distritos do Norte, onde a utilização de minas terrestres se destacou de forma particular. No Niassa, a intenção da FRELIMO era simultaneamente criar uma zona livre, e uma zona de passagem para Sul, em direcção à Zambézia
- Já em Abril de 1970, a actividade militar da Frelimo aumentou de forma significativa, devido à presença de Samora Machel em Cabo Delgado, onde apresentaria os planos de ofensivas a executar em Junho e Julho.
- Até 1973/74, as atenções viravam-se para Cabora Bassa. Os últimos tempos de guerra caracterizaram-se pelo avanço da FRELIMO para Sul, registando acções na zona de Chimoio e agitação das populações de origem europeia. O general Kaulza de Arriaga disponibilizava-se para continuar o comando, mas impunha condições que o Governo de Lisboa não aceitou. Terminada a sua comissão em Agosto de 1973, foi substituído pelo general Basto Machado. A situação continuaria a deteriorar-se até aos designados "acontecimentos da Beira", em Janeiro de 1974, quando as populações brancas de Vila Pery e da Beira se manifestaram contra a incapacidade das forças portuguesas de sustentar a situação, já esgotada de efectivos e sem possibilidade do reforço dos meios de combate.

O tempo que os meus avós viveram nas guerras

Os meus avós paternos, estiveram nas guerras coloniais. o meu avô, José António Furtado Montanha, cumprindo funções de comandante das forças militares. Exerceu três comissões de serviço (de dois anos cada): duas em Angola e uma na Guiné. A última comissão de serviço na Guiné (1972) foi a mais delicada visto que estava na defesa da fronteira de Nambuamgongo, zona muito perigosa ("sede de terroristas").

- A minha avó, Maria Olinda Barreira Lopes Montanha, viajou, também para a Angola no ano de 1972, pelo Ministério do Ultramar para serviço clínico, integrada como médica no Hospital Central de Bissau.
- O tempo que viveram em África foi difícil pelo sofrimento que lá passaram e porque tiveram de levar a filha mais nova recém-nascida e deixar em Portugal, os outros dois filhos.



Guiné-Bissau, consulta médica no hospital central

Bibliografia

- Pesquisa em: <http://pt.wikipedia.org>;
- Ajuda da vóvózinha para encontrar as fotografias.